

NARRATIVAS DOCENTES DE MEMÓRIAS FORMATIVAS EM REDE: uma década da constituição dos processos aprendentes e ensinantes

Amanda Anália Nayara de Macêdo¹

Jaqueline Barbosa da Silva²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender as motivações pela docência nas narrativas de memórias formativas. O enfoque da pesquisa-formação de caráter documental, tomou como referência as narrativas digitais em rede do Museu da Pessoa, mapeando as histórias disponibilizadas nesse ambiente virtual, selecionadas de acordo com os critérios da pesquisa. A análise das narrativas de memórias formativas possibilitou o desvelar da subjetividade dos sujeitos, com ênfase na descolonialidade, revelada nas relações sociais advinda da convivência familiar e participação nos movimentos sociais e políticos, destaques que deram assento aos processos aprendentes e ensinantes.

Palavras-chave: Narrativas; Memórias Formativas; Processos Aprendentes e Ensinantes.

DATA DE APROVAÇÃO: 25 de março de 2024

1. INTRODUÇÃO

A escolha pela temática justifica-se inicialmente pela aproximação em um contexto indireto, enquanto licencianda do curso de Pedagogia³. A primeira inquietação surge a partir das opiniões expressadas de pessoas do convívio social, ao relatar a escolha pelo curso, eram levantadas questões sobre ter certeza da escolha, se havia possibilidade de mudar para uma segunda opção, entre outros questionamentos, evidenciando um descontentamento em relação ao exercício docente.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia – CAA/UFPE; E-mail: amanda.nayara@ufpe.br

² Professora orientadora – NFD/CAA/UFPE; E-mail: Jaqueline.barbosa@ufpe.br

³ Aprovada para o primeiro semestre de 2019 no processo seletivo do Centro Acadêmico do Agreste, da Universidade Federal de Pernambuco, em Caruaru, agreste pernambucano.

Adentrando a universidade as discussões que constituíam as disciplinas de História da educação⁴, Legislação e Financiamento da Educação⁵, Políticas Estado e Educação⁶, e Educação e trabalho⁷, traziam reflexões acerca do papel do docente na sociedade, e como esse é visto nela, além do contexto das políticas voltadas à classe trabalhadora e sobre sua efetivação, refletindo como ocorre o fazer pedagógico nesse contexto e sua influência na educação, alimentando o interesse pelo tema.

O interesse pela trajetória profissional de professores/as foi se intensificando com a aproximação e atuação no campo profissional. Na escola, a vivência prática da profissão somou-se as discussões teóricas acessadas no processo formativo.

A primeira vivência que me aproximou a profissão docente foi como auxiliar de sala, em uma escola privada, localizada no município de Altinho-PE⁸, com crianças da educação infantil. Nessa pude conhecer a realidade de uma sala de aula de forma efetiva, como a organização do tempo escolar, metodologias de ensino, formas de lidar com as adversidades do cotidiano, manuseio de materiais e recursos pedagógico, no entanto, as atividades burocráticas, como plano de aulas, roteiros, cadernetas de frequências, elaboração de projetos e atividades, ainda não faziam parte da minha realidade pela função que assumia na escola.

Um ano após viver a experiência de auxiliar de sala, fui convidada pela mesma escola para se tornar professora de uma das turmas da educação infantil⁹. Ao aceitar tive acesso e pude conhecer toda atividade burocrática que um docente assume em sua profissão. Período que

⁴ Disciplina vivenciada no primeiro semestre de 2019, a qual visava entender a função e tarefa de refletir de forma crítica em torno da definição dos papéis e das possibilidades concretas da educação e seus atores (em suas manifestações escolares e não-escolares), a partir de todo um conjunto possível de intervenientes que ajudam a produzir e a configurar as práticas escolares e não-escolares e a ação dos seus atores em diferentes momentos do processo histórico.

⁵ Disciplina vivenciada no primeiro semestre de 2022, com ênfase no crítico do financiamento e da legislação da educação brasileira, considerando-se os objetivos das políticas públicas. Histórico do financiamento da educação pública nas constituições federais.

⁶ Disciplina vivenciada no segundo semestre de 2019, com assento na fundamentação teórica e conceitual sobre as relações entre Política, Estado e Educação, com destaque para tendências, problemas e propostas educacionais atuais formuladas no âmbito do poder público.

⁷ Componente curricular obrigatório vivenciado no segundo semestre de 2022, analisando o trabalho enquanto categoria fundamental dos processos de elaboração do conhecimento e da formação do cidadão através do estudo das principais abordagens teóricas sobre sua relação com a educação e das práticas pedagógicas que favoreçam a construção de um projeto de educação comprometido com os interesses da classe trabalhadora.

⁸ Cidade do agreste Pernambuco, conhecida pela terra do cantor Jorge de Altinho, possuindo aproximadamente 27.002 habitantes de acordo com o site da Câmara Municipal de Altinho -PE, Casa Antônio Alexandre.

⁹ Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), art. 29º. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

coincidiu com a pandemia da Covid 19¹⁰, o que intensificou ainda mais a burocratização do trabalho docente pelo agravante da produção atividades para suprir longo períodos de aula, além das produções diárias de videoaulas.

Atualmente, exerço a docência em uma escola pública do município de Altinho- PE, com crianças do quinto ano do Ensino Fundamental Anos Iniciais. E a realidade da atividade docente se repete: preenchimento de diários, elaboração de provas e atividades, planejamento de aulas, criação de projetos, vivências de datas comemorativas, estudo de documentos reguladores da educação e etc.

No entanto, no contexto público questões socioeconômicas circulam de forma mais explícita, muitas crianças se apresentam em situação de vulnerabilidade social, as quais tem a escola, como um espaço de lazer e de garantia de uma alimentação. Fatos esses que afetam diretamente o fazer e o agir docente.

Essas vivências na docência e também as vivências dos demais professores(as) que encontrei nesse percurso, me possibilitaram uma reflexão mais aprofundada sobre as características do trabalho como professor(a) e sobre as dificuldades encontradas nesse ofício, com isso se destacaram como situações recorrentes no dia a dia do saber/fazer docente, a função de ensino e mediação de conhecimento e de acolhimento das diferentes realidades encontradas no âmbito escolar.

Aspectos físicos, sociais, organizacionais circulam o trabalho do professor, como a estrutura dos espaços escolares, superlotação de salas, desvalorização social pela própria comunidade escolar, entre outras questões que dificultam o trabalho docente, gerando possivelmente problemas físicos e mentais no profissional.

Vale destacar a realidade que cerca o período em que esse trabalho de pesquisa se constitui, no contexto pandêmico da COVID-19, novas atividades e habilidades tiveram que ser aprendidas e desenvolvidas pelos mesmos para suprir as necessidades da educação nesse período. No entanto, com o retorno às atividades presenciais essas atividades ainda constituem a grade de responsabilidades assumidas pelos professores, os quais agora devem utilizar de plataformas e ambientes virtuais como ferramentas complementares de seu trabalho.

¹⁰ Período pandêmico que teve sua eclosão no ano de 2020 e se estendeu até 2022 com medidas de afastamento e isolamento social, onde grande parte das atividades de trabalho foram paradas permanecendo apenas as atividades tidas como essenciais, medida exigidas pelo Ministério da Saúde a fim de evitar a disseminação do Coronavírus, a superlotação dos hospitais e o aumento das mortes causadas pelo vírus.

O banco de dados utilizado para o levantamento de produções acerca do tema discutido teve como fonte o VIII Congresso Internacional de Pesquisas (Auto)biográficas (CIPA), realizado durante 5 dias que corresponderam às datas 16 a 20 de setembro do ano de 2018, a escolha pela edição é justificada pela maior aproximação com a temática em estudo, a qual tem como tema central desta edição: Pesquisa (auto)biográfica, mobilidades e incertezas: novos arranjos sociais e refigurações identitárias.

Dentro da organização dos trabalhos realizados nesse congresso, destaco o eixo 2, denominado: Espaços Formativos, Memórias e Narrativas, no tópico comunicações, como suporte para a elaboração do quadro 1.

QUADRO 1 – Narrativas de memórias da docência

Título	Autor(a)	Palavra-chave	Instituição
Narratividades pedagógicas: experiências de docência no ensino médio em território rural	Adelson Dias de Oliveira	Currículo. Experiência, formação.	Universidade federal do vale do são Francisco – UNIVASF/UNEB
Histórias narradas, cotidianos vividos: modos de viver e narrar o início da docência em educação física	Admir Soares de Almeida Júnior Marcela Ottoni Guedes Oliveira Larissa Vieira Pedrosa	Narrativas autobiográficas. Professores iniciantes. Educação física. Ateliê biográfico.	Universidade federal de minas gerais – UFMG
Tornar-se professor: memórias e narrativas de docentes engenheiros do ifmtcampus Cuiabá	Amarília Mathilde da Silva	Formação de professores. Aprendizagem da docência. Construção da docência.	IFMT-campus Cuiabá
Trajetórias de formação docente em narrativas de si...	Simone Albuquerque da Rocha Leda de A. Maffioletti Rosana Maria Martins	Estágio. Curricular supervisionado. Aprendizagem da docência. Profissionalidade docente.	Universidade federal do mato grosso – UFMT/ Rondonópolis Universidade federal do rio grande do Sul – UFRGS
Como tornei-me professora de educação física: uma narrativa autobiográfica dos processos de aprendizagem da docência	Thátilla Freire Silva	Narrativas autobiográficas. Saberes docentes. Educação física	Universidade federal de minas gerais – UFMG
Processos formativos de professoras riograndenses: conte-nos sua história	Mariane Bolzan Juliana da Rosa Ribas	História de vida. Formação de professores. Educação do campo.	Universidade federal de santa maria – UFSM
Aprendizagem da docência: narrativas de professores da educação profissional	Natal Lânia Roque Fernandes	Identidade. Docência. Narrativas docentes	Instituto federal de educação, ciências e tecnologias – IFCE

Ser professora da roça: A experiência e os seus sentidos existenciais na formação Docente	Rebecca Machado Oliveira da Silva	Ruralidades. Experiência. Formação docente	Universidade do estado da Bahia – UNEB
Trajetórias de formação e atuação profissional: Narrativas de profissionais da educação infantil e anos iniciais Do ensino fundamental	Renata Portela Rinaldi Andressa Florcena Evanilde Patrícia Lima Figueira	Formação de professores. Trabalho docente. Histórias de vida.	Universidade estadual paulista Júlio de mesquita filho – UNESP/PPGE/FCT Universidade federal de mato grosso do Sul – UFMS
Narrativas de si: Memórias que desvelam a constituição do ser professora	Ria de Cássia Eutrópio Mendonça Bezerra Rosa Maria Moraes Anunciato de Oliveira	Narrativas de si. Recordações-referências. Experiências fundadoras. Experiências formadoras	Universidade federal de são Carlos - UFSCar
Narrativas de si: Trajetórias formativas de professoras formadoras iniciantes Na universidade	Sebastião Silva Soares Selva Guimarães	Docência universitária. Trajetórias formativas. Iniciação à docência.	Universidade federal do Tocantins – brasil Universidade federal de Uberlândia – brasil
O início da docência e o contexto escolar: Narrativas de uma pesquisadora	Deusodete Rita da Silva Aimi Filomena Maria de Arruda Monteiro	Professor iniciante. Pesquisa narrativa. Experiência.	Universidade federal de mato grosso - UFMT
Percurso de vida e formação: Um olhar para dentro de si e de dentro para fora	Dirlaine Beatriz França de Souza Marli Aparecida da Silva Viçoti Mariana dos Santos Venturini Milena Castro e Silva	Formação docente. Abordagem (auto)biográfica. Diários reflexivos. Memoriais de formação.	Universidade brasil/campus Fernandópolis /SP
Narrativas de uma aluna-professora sobre a sua constituição Docente	Erica Silva Martins Roseli Araújo Barros	Autobiografia. Matemática. Narrativas. Formação de professores	Universidade estadual de goiás-UEG
De aluna a professora: Narrativas de uma professora iniciante e sua formação	Flavia Aparecida Machado Fortes Adair Mendes Nacarato	Formação. Professor. narrativas.	Universidade são Francisco – USF
Narrativa autobiográfica do processo de formação: Fragmentos da trajetória de um professor de matemática	Gilmar Afonso de Lucas Margaréte May Berkenbrock Rosito	Narrativa autobiográfica. “colcha de retalhos”. Processo formativo	Universidade cidade de são Paulo – UNICID
Inserção na docência e desafios do processo: Narrativas de professoras	Helena Amaral da Fontoura	Inserção profissional docente. Narrativas. Tematização.	Universidade do estado do rio de janeiro – UERJ
Saberes para a docência na eja por meio de processos Formativos (auto)biográficos: Memórias, sentidos e trajetórias de oito professores	Margareth da Conceição Almeida de Araújo Ana Paula Silva da Conceição	Memorial (auto)biográfico. Formação contínua de professores. Juvenilização. Educação de jovens e adultos.	Universidade estadual da Bahia- UNEB/MPEJA

Memórias e formação docente: Um dueto imprescindível na trajetória da vida pessoal e Profissional	Márcia Pantoja Contente	Narrativa. Memórias. Formação profissional.	Universidade federal do Pará- UFPA
Narrativas de uma professora quilombola: A constituição da docência nos percursos profissionais	Luciana de Araújo Pereira Fabrício Oliveira da Silva Charles Maycon de Almeida Mota	Docência. Experiência de vida. Formação. Pesquisa (auto)biográfica.	Universidade do estado da Bahia – UNEB/PPGEDUC Universidade do estado da Bahia – UNEB
O narrar-se e as possibilidades de escrita de si e do outro a Partir de recuerdos da memória de uma professora de classe Multisseriada	Juliana da Rosa Ribas Mariane Bolzan	Memórias. Narrativas. Classes multisseriadas.	Universidade federal de santa maria – UFSM
Trajetórias formativas e escrita de si: Um olhar para as narrativas de professores de matemática	Iara Letícia Leite de Oliveira Fernanda Aparecida Oliveira Rodrigues Silva	Trajetórias formativas. Memorial de formação. Formação docente.	Universidade estadual paulista “Júlio de mesquita filho” – Unesp – campus rio claro Universidade federal de ouro preto – UFOP – campus mariana
Uma rede de histórias no fluxo de outras: Narrativas de futuros professores	Jane do Carmo Machado Eda Maria de Oliveira Henriques	Narrativa. Formação de professores. Experiência.	Universidade católica de Petrópolis – UCP Universidade federal fluminense
Narrativas de formação: Reflexões sobre a construção da identidade profissional Docente na educação infantil	Jéssica Francine Ferreira da Silva Ana Paula Gestoso de Souza.	Narrativas de formação. Identidade docente. Educação infantil.	Universidade federal de são Carlos – UFSCar

Fonte: VIII CIPA, Eixo 2, disponível em <Anais Eixo 2 – VIII CIPA (biograph.org.br), Acesso. 02 de maio às 18h06.

Os dados advindos do quadro 1 revelaram 24 trabalhos em consonância com o tema objeto de estudo, dando ênfase a produção advinda do Sudeste. Desses artigos, 12 constituem a produções da região Sudeste, cinco do Centro-Oeste, quatro do Nordeste, três da região Sul e dois trabalhos da região Norte. Vale destacar que, três dessas produções foram construídas com a colaboração de duas regiões distintas.

Com o intuito de ampliar o conhecimento na área da pesquisa-formação, surge a seguinte questão de investigação, a saber: **Como os/as professores/as justificam as motivações pela docência nas narrativas de memórias formativas?**

Com o objetivo geral de compreender as motivações pela escolha docente nas narrativas de memórias formativas, pelo percurso trilhado através dos objetivos específicos ao conhecer

as narrativas de memórias formativas de professores e analisar as justificativas das motivações pela docência nas narrativas de memórias formativas.

A partir da reflexão e discussão dessa questão, acredita-se que escrever sobre essa temática se torna um ato de resistência e luta pela valorização, reconhecimento social e econômico dos profissionais da educação, que consequentemente uma influenciará no desenvolvimento de uma melhor educação para todos.

O presente trabalho buscou compreender as motivações pela escolha docente nas narrativas de memórias formativas. Logo, organizamos o artigo em quatro partes. Na primeira, trazemos as categorias teóricas sobre a profissão docente e as narrativas de memórias formativas. Na segunda parte, detalhamos o percurso teórico-metodológico, evidenciando o campo empírico, os instrumentos de coleta de dados e o detalhamento das informações sobre os colaboradores da pesquisa. Na terceira parte, é apresentada a análise dos dados e os resultados preliminares advindos da pesquisa. Para concluir, trazemos as considerações finais sobre o estudo.

2. PROCESSOS APRENDENTES E ENSINANTES NA PROFISSÃO DOCENTE

A profissão docente tem uma história longa constituída de reviravoltas, entre momentos de valorização e desvalorização, dominação e desconstrução. Mas, sempre foi reconhecida como uma ferramenta crucial para a perpetuação de ideologias. Nesse sentido, o professor surgiu como um propulsor dos interesses da igreja, onde sua atividade era compreendida como uma vocação.

No entanto, António Nóvoa (1989) relata que para se criar um novo estatuto, uma nova concepção sobre esse ser profissional se faz necessário considerar alguns fatores.

A afirmação e o reconhecimento social deste novo conhecimento científico e técnico é o primeiro vector da fundação de um outro estatuto profissional dos professores... A formação de professores é o segundo aspecto da fundação de um outro estatuto profissional dos professores que importava evocar... A autonomia constrói-se pela acção colectiva de um corpo profissional e obriga a ocupação de novos de poder e de intervenção, o que comporta relações de força com outras instâncias. (Nóvoa, 1989, p. 453-454)

A partir das contribuições de Nóvoa (1989), estabelecemos um novo olhar sobre o fazer docente e desmistificamos a concepção do exercício da profissão por vocação. A qual para ser realizada necessita do domínio de conhecimentos científico, incluído a construção de saberes

pedagógicos, onde a formação continuada apresentasse como elemento importante pela necessidade de atualização constante para acompanhar os avanços da sociedade, enfatizando a autonomia como um fator emancipatório da profissão, responsável por possibilitar a tomada de decisões acerca da constituição e do reconhecimento do seu trabalho.

No entanto, antes de adentrarmos no contexto da profissão professor, destaco o alicerce para o surgimento desse ofício, a educação. Nesse sentido, Brandão (2007) revela que,

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. (Brandão, 2007, p. 07)

Compreender a educação como um elemento indissociável da vida humana, indica que vivemos em um constante processo de ensino e aprendizagem, independentemente do ambiente que frequentamos. Desse modo, reconhecer a educação para além do processo de escolarização, mas como um processo plural constituído por fatores sociais, emocionais, econômicos e ideológicos, traz à tona a complexidade sobre o que é ser professor, o qual terá que reconhecer essa pluralidade e mediar de forma harmônica todas essas formas de educações que lhe são apresentadas.

A não linearidade do processo aprendente e ensinante, visando congregar um conjunto de vozes, faz articular os enfrentamentos da vida cotidiana e as conquistas coletivas, objetivando recepcionar a pluralidade de estratégias narrativas da experiência de si no âmbito formativo e educativa. De modo que entendemos a ciência a partir do engajamento em pautas anticolonialistas de epistemologias outras. (Silva e Silva, 2022, p. 04)

Pelas diversas atividades realizadas pelo docente atualmente, tem sido mais dificultoso definir o que é de sua competência e conceituar o trabalho desses profissionais. Assim trago Veiga (2008) que apresenta a definição de docência no seu sentido etimológico.

Docência tem suas raízes no latim *dorece*, que significa ensinar, instruir, mostrar, indicar, dar a entender. O registro do termo na língua portuguesa é datado de 1916, o que implica dizer que a utilização, ou melhor, a apropriação do termo é algo novo no espaço dos discursos sobre educação. (Veiga, 2008, p. 13)

Dessa forma, é possível refletir a partir da etimologia da palavra docência que essa não abarca de forma fidedigna as atividades realizadas pelos docentes, os quais necessitam de formações e atualizações de forma recorrente para atender as demandas do campo educacional

que se renovam junto a evolução da sociedade, fazendo com que o espaço de atuação dos professores se amplie de forma intensa em paralelo a essas mudanças.

Como especifica a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional ou Lei 9.394/1996 ao definir no Art. 13 as obrigações do docente:

- I - Participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- II - Elaborar e cumprir plano de trabalho, segundo a proposta pedagógica do estabelecimento de ensino;
- III - zelar pela aprendizagem dos alunos;
- IV - Estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento;
- V - Ministrar os dias letivos e horas-aula estabelecidos, além de participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional;
- VI - Colaborar com as atividades de articulação da escola com as famílias e a comunidade.

Pelo que a Lei 9.394/1996 traz, fica notório que a atividade docente perpassa o espaço da sala de aula tendo que assumir diferentes funções, como elaborações de documentos orientadores, planejamentos, projetos e estratégias de ensino para atender os diversos públicos de alunos e as diversas realidades que constituem o âmbito de uma sala de aula.

Nesse processo de tomada de decisão e constituição das regulamentações educacionais, o professor ocupa um espaço significativo, onde suas escolhas influenciarão o futuro da sociedade considerando a concepção de educação construída através dessas decisões, pois “Ela ajuda a pensar tipos de homens. Mais do que isso, ela ajuda a criá-los, através de passar de uns para os outros o saber que os constitui e legitima.” (Brandão, 2007, p.11).

Porém para além da responsabilidade de assumir uma sala de aula, funções que deveria ser exercida por outros grupos como família e sociedade, acabam sendo transferidas e adentrando o contexto de responsabilidade do docente. O que agrava o distanciamento desses profissionais do seu campo de atuação, que é a mediação e o acesso a conhecimentos diversos. Como evidencia Cunha (1999),

O professor é, hoje, posto em xeque, principalmente por sua condição de fragilidade em trabalhar com os desafios da época. Entre eles, talvez os mais significativos sejam as novas tecnologias de informação, a transferência de funções da família para a escola e a lógica de produtividade e mercado que estão definindo os valores da política educacional e até da cultura ocidental contemporânea. (Cunha, 1999, p. 127)

A partir disso é possível perceber a complexidade que têm se tornado definir a profissão docente a qual vem sendo submetida a diferentes atividades e contexto, além de suprir a ausência familiar na formação humana de seus filhos, onde a maior responsabilização sobre essas ações recaí como função do professor.

3. NARRATIVAS DE MEMÓRIAS FORMATIVAS

O ato de narrar/ contar histórias surgir acompanhado do surgimento da humanidade, as pinturas rupestres, as representações ritualísticas, as narrativas realizadas pela tradição oral, contribuíram de forma significativa para a construção do conhecimento acerca dos nossos antepassados.

Considerando a não existência da escrita na realidade das primeiras civilizações, as narrativas de experiências individuais e coletivas compartilhadas na sociedade tiveram um papel fundamental para o alcance a conhecimentos já existentes e para o surgimento de novos. Nesse contexto, as narrativas autobiográficas se destacam ao ressignifica o que é o conhecimento científico, sendo uma fonte de inspiração para a construção saberes através da reflexão de experiencias vividas. Como cita Passeggi (2017).

Situada no âmbito da pesquisa qualitativa, a pesquisa (auto) biográfica em Educação tem procurado superar o dilema que lhe é imposto: ou acomodar-se aos padrões existentes do conhecimento dito científico ou, ciente da especificidade epistemológica do conhecimento que ela produz, contribuir para a construção de novas formas de se conceber a pessoa humana e os meios de pesquisa sobre ela e com ela. (Passeggi,2017, p.9)

As narrativas autobiográficas no contexto acadêmico têm surgido com evidência, onde são valorizadas as experiências individuais, ao lançar um olhar atendo e reflexivo sobre as histórias narradas afim de construir novos conhecimentos e entendimento sobre as realidades presentes na sociedade.

Nessa perspectiva, não se trata de encontrar nas escritas de si uma “verdade” preexistente ao ato de biografar, mas de estudar como os indivíduos dão forma à suas experiências e sentido ao que antes não tinha, como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens nos territórios que habitam e são por eles habitados, mediante o processo de biografização. (Passeggi, 2011, p. 371)

Nesta direção, Frison e Simão (2011) destacam,

O centro da pesquisa autobiográfica encontra-se no ser humano que, em diferentes contextos e situações, autobiografa-se, quer narrando fatos de sua vida, quer refletindo sobre seu processo de autoformação. A pessoa, ao narrar,

narra-se e, ao fazê-lo, ressignifica experiências, vivências, aprendizagens, dando-lhes novo significado. (Frison e Simão, 2011, p. 198)

Em conformidade com Frison e Simão (2011), observamos que a finalidade desse tipo de produção não se destina a produção de um conhecimento que será definido como verdade absoluta, mas, irá apresentar histórias em consonância a temas e situações, que servirão como elemento de reflexão para pensar sobre as individualidades que constituem os diversos aspectos da sociedade.

As narrativas se caracterizam como uma ferramenta contra os ideais colonizadores, ao possibilitar espaço para que novos conhecimentos e experiências sejam considerados e partilhados no campo científico e social.

Uma vez examinada a natureza epistemológica das narrativas (auto)biográficas, considera-se importante destacar a perspectiva descolonial, seja por questionar a universalidade epistêmica, seja por ressaltar a diversidade e a riqueza social, possibilitando aos sujeitos silenciados a retomada da voz como grito de existência, resistência e empoderamento. Logo, as narrativas (auto)biográficas não propõe falar por, mas falar com os sujeitos, trazendo suas experiências e memórias na construção de epistemologias na produção científica. (Silva e Santos, 2022, p. 126)

Nessa perspectiva as experiências compartilhadas através das narrativas, se destacam como um fator de relevância para as classes invisibilizadas socialmente, que a partir da oportunidade de contar suas histórias e compartilharem suas vivências individuais são capazes de representar as diversas formas de existência no mundo.

4. PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

O presente trabalho situa-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa que tem como foco as questões discutidas a partir das ciências sociais, [...] ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço, mas profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” (Minayo, 2002, p.22)

Nesse contexto, nos detemos a pesquisa documental, que se distingue da pesquisa bibliográfica, por tratar de documentos não analisados. Como afirma Severino (2007),

No caso da pesquisa documental, tem-se como fonte documentos no sentido amplo, ou seja, não só de documentos impressos, mas sobretudo de outros

tipos de documentos, tais como jornais, fotos, filmes, gravações, documentos legais. Nestes casos, os conteúdos dos textos ainda não tiveram nenhum tratamento analítico, são ainda matéria-prima, a partir da qual o pesquisador vai desenvolver sua investigação e análise. (Severino, 2007, p.122 e 123)

O estudo de natureza documental, com enfoque na documentação narrativa, busca nas narrativas de memórias formativas de docentes as motivações que levaram a escolha profissional.

A escolha pelo Museu da Pessoa como campo empírico de acesso ao conhecimento justifica-se por se constituir um espaço virtual e colaborativo de histórias de vida, com o intuito de transformar as histórias contadas em patrimônio da humanidade.

Nesse contexto, a documentação narrativa disponibilizada se direciona a uma produção intimista e pessoal, disponibilizando um arcabouço de vivências daqueles/as que se dispõem a contar sua vida.

As narrativas memorialísticas disponibilizadas no Museu da Pessoa centram-se num inventário de vida e formação com modos próprios de contar e partilhar histórias que marcam formas de inserção socioprofissional.

Criado no ano de 1991, o Museu da Pessoa surgiu de forma pública a partir da exposição Memória & Migração, que criou um espaço para qualquer pessoa que o visitasse pudesse contar a própria narrativa de sua vida. Mas a ideia geradora, surgiu meados do ano de 1989, em um projeto denominado Heranças e Lembranças: imigrantes Judeus no Rio de Janeiro, que gravou 200 horas de histórias de pessoas de origem judaica vindas de diferentes lugares do mundo. Onde a fala de uma das participantes desse projeto gerou inquietação.

D. Matilde Lajta, judia austríaca de 86 anos disse: “preciso agradecer a vocês por este projeto. Porque agora sei que já posso morrer. Tive uma vida interessante, marido, filhas, netos mas agora sei que minha vida, àquela história que é só minha mesmo, minha alma, agora sei que vai ficar.” (Museu da Pessoa. Disponível em <Museu da Pessoa | Linha do tempo> Acesso: 12 de novembro de 2023)

O depoimento de D. Matilde Laita evidencia o desejo de criar um espaço que possibilitasse a toda e qualquer pessoa a oportunidade de partilhar experiências e histórias, as quais serão eternizadas e valorizadas, sendo consideradas fonte de conhecimentos singulares capazes de transformar a vida de outras pessoas.

A pesquisa autobiográfica - Histórias de Vida, Biografias, Autobiografias, Memoriais - não obstante se utilize de diversas fontes, tais como narrativas,

história oral, fotos, vídeos, filmes, diários, documentos em geral, reconhece-se dependente da memória.² Esta, é o componente essencial na característica do (a) narrador (a) com que o pesquisador trabalha para poder (re)construir elementos de análise que possam auxiliá-lo na compreensão de determinado objeto de estudo. (Abrahão, 2003, p. 80)

Na plataforma do Museu da Pessoa, o processo de publicação das histórias ocorre a partir do cadastramento no site¹¹, onde são disponibilizados os dados pessoais e criada uma senha de acesso, como também pode ser efetivado a partir da sincronização com uma conta google. Após a criação da conta de acesso, o site disponibiliza um vídeo instrutivo no qual são expostas todas as informações necessárias para o manuseio e publicação da história. O autor da história tem autonomia para escolher e escrever sua história por meio de temas ou de maneira livre, podendo compartilhá-la através de texto, vídeo, áudio ou fotografias.

A pesquisa foi trilhada em atendimento a cinco critérios, (1) identificação do descritor professor/a, na busca por palavra-chave, (2) disponibilidade de narrativas no formato audiovisual, (3) narrativas de autoria docente, (4) atendimento temporal de uma década, correspondentes ao período de 2013 a 2022, (5) narrador/a com formação na área das ciências humanas de acordo com a CNPQ.¹²

No atendimento do critério de identificação do descritor professor/a acessamos 1.126 narrativas. Quanto a combinação dos critérios, descritor professor e disponibilidade do instrumento audiovisual, vídeo na íntegra, chegamos ao quantitativo de 520 memórias. Avançando, incluindo o critério das narrativas de autoria docente, chegamos a 33 produções. E, por fim, das 33 narrativas que atenderam aos critérios da pesquisa, 17 correspondem ao período de 2013-2022, dessas, cinco apresentaram algum tipo de formação na área das ciências humanas conforme quadro 2.

Quadro 2 – Narrativas docentes no período de 2013 a 2022

NARRADOR	TÍTULO	DATA DE PUBLICAÇÃO	LINK DE ACESSO DO VÍDEO
Budga Deroby Nhambiquara	Uma educação plural para um país plural	14/10/2022	https://youtu.be/FGvLS6sVbtA
Jair José dos Santos	Consegui ser aquilo que queria ser	09/11/2021	https://youtu.be/ZqTSd1eC0M0
Salomão Jovino da Silva	Eu sei qual a minha história, a história do meu povo e tenho um lugar no mundo	09/01/2020	https://youtu.be/Aq8PvsfvDiM?si=Kxbzu0z8Tt1OOC-l

¹¹ Disponível no seguinte endereço: <<https://museudapessoa.org>>.

¹² Áreas do conhecimento no campo das ciências humanas, em conformidade com o Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), Filosofia, Sociologia, Antropologia, Arqueologia, História, Geografia, Psicologia e Educação.

Euro Alves	Aprendendo com a preservação cultural	30/04/2018	https://youtu.be/CNKWxKIc63c
Geraldo Moreira Prado (Mestre Alagoinha)	Uma biblioteca no sertão	17/09/2013	https://youtu.be/g2q4Rxraifl?si=OBan8i4YX21T2ECK

Fonte: Produção da pesquisadora.

No quadro 2, as narrativas foram ordenadas por ano de publicação, atendendo uma ordenação cronológica decrescente. Para caracterizar os 5 docentes buscamos identificar a naturalidade, o gênero¹³, a idade, e a área de atuação, conforme disponibilizado no quadro 3.

Quadro 3 – Características dos/as docentes colaboradores/as da pesquisa

NARRADOR	GÊNERO	IDADE	NATURALIDADE	FORMAÇÃO	PROFISSÃO
Jair José dos Santos	Masculino	07/03/1972	São Paulo	Filosofia e Direito	Professor
Budga Deroby Nhambiquara	Masculino	15/11/1982	São Paulo	Graduado em Educação Artística (UNESP) Mestrado no Pró-EJA IFSP.	Professor, artista plástico e pesquisador
Salomão Jovino da Silva	Masculino	Sem data	Minas Gerais – Passos	História	Professor
Geraldo Moreira Prado	Masculino	28/07/1940	Bahia – Nova Soure.	História e mestrado em Desenvolvimento agrícola	Professor e pesquisador
Euro Alves	Masculino	10/04/1977	Amazonas – Maués	Formação de professores no magistério de nível médio, com ênfase na educação escolar indígena.	Professor

Fonte: Produção da pesquisadora.

De posse do corpus documental, aproximamo-nos da perspectiva de análise de conteúdo (bardin, 1977),

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter (por procedimentos) sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. Pertencem, pois, ao domínio da análise de conteúdo, todas as iniciativas que, a partir de um conjunto de técnicas parciais mas complementares, consistam na explicitação e sistematização do conteúdo das mensagens e da expressão deste conteúdo, com o contributo de índices

¹³ Louro (2008, p.18) A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais.

passíveis ou não de quantificação, a partir de um conjunto de técnicas, que embora parciais, são complementares. Esta abordagem tem por finalidade efectuar deduções lógicas e justificadas, referentes à origem das mensagens tomadas em consideração (o emissor e o seu contexto, ou, eventualmente, os efeitos dessas mensagens). (Bardin, 1977, p.42)

A partir desses procedimentos, abordagens e definições, o artigo busca compreender as motivações pela escolha da profissão docente, com adesão as narrativas de memórias formativas, rompendo com os métodos convencionais de investigação para mostrar a subjetividade como ideia nuclear e articuladora da constituição de novas formulações teóricas que realimentam a profissão docente.

5. NARRATIVAS DE MEMÓRIAS FORMATIVAS DOCENTES

A profissão professor se constitui de um conjunto complexo advindo do contexto histórico de lutas enfrentadas pelos seus direitos em diferentes momentos da sociedade.

Além de conhecer a importância das narrativas como aspecto construtor da própria história, da história de um movimento e de um coletivo, valorizando as singularidades das experiências vividas por cada pessoa que o compõem.

As categorias constituintes da pesquisa impulsionaram a construção de um novo saber, um novo conhecimento acerca da constituição da profissão docente.

De acordo com o dicionário online de Português a palavra motivar deriva da palavra motivo, que se classifica como um verbo transitivo direto e significa: ser o motivo de algo; provocar, causar, determinar os estímulos, as motivações para que algo se realize; estimular. É a partir dessa concepção de situação/ação geradora de outra ação, que foi buscado conhecer a partir das narrativas classificadas de acordo com os critérios estabelecido na pesquisa, as motivações que levaram essas pessoas a escolher a profissão.

Motivações essas que são geradas e impulsionadas pela trajetória de vida dos colaboradores. As quais surgem por influência do meio em que viveram, o que colaborou para a formação dos valores, crenças e posicionamento político dessas pessoas como ser social.

A partir da seleção das narrativas digitais do Museu da Pessoa percebemos que a região sudeste se destaca no conjunto das memórias disponibilizada, totalizando três produções. Enquanto as regiões norte e nordeste ocupam o segundo lugar, cada uma com uma memória

socializada.¹⁴Nesse contexto que se estrutura a pesquisa adentramos na análise das narrativas de memórias formativas das pessoas e a trajetória que as levaram a escolher pela docência.

Nas narrativas advindas da região sudeste, destacou-se o enfrentamento aos estigmas impostos pela colonialidade. Esta é definida por Quijano (2005) como:

Dois processos históricos convergiram e se associaram na produção do referido espaço/tempo e estabeleceram-se como os dois eixos fundamentais do novo padrão de poder. Por um lado, a codificação das diferenças entre conquistadores e conquistados na idéia de raça, ou seja, uma supostamente distinta estrutura biológica que situava a uns em situação natural de inferioridade em relação a outros. Essa idéia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo, fundacional, das relações de dominação que a conquista exigia. (Quijano, 2005, p. 01)

Surge assim a descolonialidade com caráter inverso ao colonialismo, focada no combate as relações de superioridade presente na modernidade ocidental que segregou a sociedade a partir de questões raciais, criando critérios biológicos para a classificação de dominados e dominadores.

Nessa perspectiva de quebrar padrões criados pelo poder colonizador, surge o primeiro colaborador Bugda Deroby Nhambiquara, homem indígena, filho do cacique Itamarai Nhambiquara com uma mulher não indígena.

Bugda (2022), relata as dificuldades e preconceitos vividos no seu processo de escolarização por ser negro e indígena o que o fez desistir na adolescência de frequentar a escola. E só retomar seus estudos posteriormente através da modalidade da EJA.

Após concluiu o ensino básico é convidado a participar de um curso pré-vestibular, o que o ajudou a ser o primeiro indígena a ingressar na UNESP naquele período. O mesmo relata as expectativas criadas por estar sendo inserido na massa intelectual, mas suas expectativas são quebradas após viver episódios de discriminação e preconceito novamente.

Assim, percebemos a sua luta através da educação, onde viu pelo acesso aos estudos a oportunidade de modificar as ideias da educação bancária importadas das minorias, afim de anular o poder de reivindicação e de criticidade. Sobre esse conceito de educação “sua tônica reside fundamentalmente em matar nos educandos a curiosidade, o espírito investigador, a criatividade. Sua “disciplina” é a disciplina para a ingenuidade em face do texto, não para a indispensável criticidade”. (Freire, 1981, p. 09)

¹⁴ A pesquisa revela a ausência de narrativa feminina entre as memórias que atenderam os critérios da investigação.

O Budga no mestrado na Unesp, é alvo. É alvo por quê? Porque o indígena que eles querem é aquele indígena que o atual presidente fala¹⁵: aquele lá que não sabe nem falar, aqueles que eles querem com cabelo cortadinho em forma de cuia, andando pelado, e que não sabe ler, nem escrever, que o outro pode mandar por ele, é esse. Então, nós nos tornamos alvos, porque eles não nos querem ali, eles não querem a gente aqui. (Budga Deroby Nhambiquara, 2022)

Nas palavras de Bugda (2022) professor indígena, é possível identificar a compreensão do ato de estudar, como um ato de resistência aos preconceitos e estereótipos que se estabelece a sua identidade como pessoa indígena. Como afirma Freire (1981) “Estudar é, realmente, um trabalho difícil. Exige de quem o faz uma postura crítica, sistemática. Exige uma disciplina intelectual que não se ganha a não ser praticando-a.” (Freire, 1981 p. 09)

Ao contar sua história e os preconceitos vividos durante o período escolar, revela que essas ações não partem apenas dos alunos, mas também de quem colabora com seu processo formativo e reflexivo. E revela a importância de sua posição na educação, como um agente transformador da realidade e sobre a veracidade do conhecimento que está sendo repassado as novas gerações.

Porque se esses alunos fazem isso, e porque os professores fazem isso, se a aluna falou que eu não sou civilizado, que eu tinha que voltar para aldeia, dentro da universidade, é porque professores fazem isso...Mas quando o não indígena fala, em sua maioria, acaba não respeitando a realidade dos povos indígenas, então ele coloca o olho dele. Fala que para você compreender uma cultura, você tem que se despir da sua própria cultura. Então, quem melhor para falar dos indígenas do que o próprio indígena? (Budga Deroby Nhambiquara, 2022)

Dessa forma, fica evidente que a escolha de Bugda (2022) pela profissão professor, emerge a partir de suas lutas e das lutas vividas pelos seus ancestrais, pela sua consciência sobre a importância da educação como elemento transformador da sociedade, e pela necessidade de representatividade dos povos indígenas na construção de uma educação plural, para que se possa desconstruir os preconceitos existentes e oportunizar um maior reconhecimento de sua cultura e de sua comunidade, a partir da descolonização das escolas e das práticas educativas.

Olha, o meu sonho é que em toda escola seja falado e ensinado sobre os povos indígenas de forma correta. Entendendo cada criança que ela também é indígena pela sua genealogia, ela pode não ser moradora de aldeia, ter crescido com os povos indígenas, conhecer a cultura como indígena, mas que o avô, bisavô dela foi, e por isso ela é um igual, só que em uma cultura diferente. Porque quando a criança entender... Desde criança é importante isso, entender que o índio, indígena, como eles colocam, como nós queremos, é uma pessoa, um ser humano igual a ele, igual a ela, ela terá menos

¹⁵ Presidente em vigor no período de 2019 a 2022: Jair Messias Bolsonaro.

probabilidade de ser racista, de ver o indígena como um animal. Então eu sonho que as escolas possam trazer isso, eu sonho... Mas para isso, o nosso currículo paulista, nacional, tem que ser descolonizado, ele tem que ser descolonizado, então o meu maior sonho é que o nosso currículo seja descolonizado. E que seja realmente ensinado, aquelas pessoas que não querem, beleza, não ensine, mas... Eu sonho uma educação plural, é um legado que eu quero deixar, que essa é a minha luta, uma educação plural para um país plural. (Budga Deroby Nhambiquara, 2022)

Assim a descolonização mostra-se como “um processo extremamente longo e complexo de crítica à colonialidade que tem seu núcleo de sentido situado na constituição de novos sujeitos históricos, políticos e sociais.” (Mouján, 2020, p. 33). Desse modo, a descolonialidade tem como propósitos trazer novos atores sociais e políticos e desenvolver um novo olhar sobre a construção social do mundo, utilizando de novas perspectivas, se distanciando da visão europeia colonizadora.

Ainda no contexto de construção e luta por uma sociedade e uma educação sob o viés da descolonização, Salomão (2020) homem negro também natural da região sudeste do país, destaca os marcos da sua história, dando ênfase a falta de representatividade da população negra nos espaços escolares, ao relatar a inexistência de pessoas negras no seu processo formativo.

Nunca tive professor negro. Nunca tive um professor negro. Desde a infância, até o ensino superior. Nunca tive um ou uma professora negra. Embora elas pudessem até existir. Na primeira escola, por exemplo, tinha professora negra. Mas nas outras escolas, nenhuma. Até o doutorado, não havia negros professores. Mas ainda falando sobre essa ideia dos blacks, né? Eu não fiz muita distinção, mas uma coisa é ser negro, né? Pra ser negro basta você ser descendente de africano, né? Mas o movimento black é afirmar-se negro, tornar-se negro. Que é um debate sobre identidade. Mas uma identidade que, pra ela se fazer no mundo, precisa cavar espaço. Ela precisa interditar os discursos vindos de fora, e criar espaço pra um discurso de dentro. Do nós. (Salomão Jovino da Silva, 2020)

Ao falar sobre essa ausência, Salomão (2020) revela a importância do reconhecimento da própria identidade, reconhecer-se como membro de um movimento que representam outras pessoas negras, como ele. É nesse sentido de afirma-se negro, que Salomão ver na educação e na profissão professor a oportunidade de lutar por espaços que ainda são negados, pelos preconceitos existentes e estabelecidos pela cor da pele.

Mas antes de entender o seu lugar no contexto social e educacional Salomão evidencia a importância de suas experiências formativas como sujeito, para a construção de sua identidade negra. Em que Larrosa (2002) define experiência como “aquilo que nos passa”, ou que nos toca,

ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.” (Larrosa, 2002, p. 19)

Os amigos do meu pai, alguns, eram congadeiros. Meu pai era presbiteriano, mas ele tinha amigos macumbeiros, congadeiros, da umbanda, do samba, enfim. Então, uma dessas pessoas era um velho, um senhor, já, com uma idade avançada, chamado Feliciano, que era, enfim, um chefe de Maçambique ou Moçambique. E esse homem brincava com a gente, falava as palavras dos antigos, cantava umas cantigas e era amigo do meu pai. E moravam nesse mesmo bairro, no bairro da Penha. (Salomão Jovino da Silva, 2020)

Assim, é notório a importância e influência do ambiente das experiências formativas compartilhadas a partir das pessoas que compuseram esse meio social e educacional, que fizeram Salomão perceber sua potência e lugar no movimento negro, onde o mesmo afirma que “descobrir a negritude é algo além de ser negro. Eu sei de onde eu venho. Eu sei quem são os meus ancestrais. Eu sei qual a minha história. Eu sei qual é a história do meu povo. E tenho direito a um lugar no mundo.”

A partir da concepção de Larrosa (2002) sobre experiência como algo que nos toca e nos transforma. Ganha ênfase também nas narrativas a presença de pessoas que se destacaram na profissão e no âmbito educacional, contribuindo de forma significativa para imersão de novas personalidades nessa área de atuação.

Dentro do movimento social, lá na zona sul, houve um tempo em que eu fui voluntário de alfabetização de adultos. Talvez 83. Mas antes disso, quando eu terminei o ensino médio, em 82, eu tentei Fuvest pra História, queria ser professor de História. E talvez a ideia de que ser professor era uma boa atividade ou era uma atividade digna, eu tenha descoberto com a professora Helena. E ser um historiador, talvez, ou um professor de História, eu tenha descoberto com ela. (Salomão Jovino da Silva, 2020)

Depois de formado, eu comecei uma militância política, conheci algumas pessoas, alguns professores que depois me influenciaram também para que eu escolhesse a licenciatura, porque embora eu tenha me formado em direito, quando eu estava na faculdade a aula que eu mais gostava era de Sociologia, tinha um professor lá na faculdade de Direito, se chamava Falace, e ele era muito conhecedor das coisas do mundo, muito sensível às causas sociais, falava de questões ecológicas, falava de geopolítica, e aquilo tudo me agradava, embora as matérias do direito específicas também me agradassem, mas o Falace ele marcou de certa forma, eu falei, se eu tivesse que ser um profissional do direito eu teria que ser igual ele, esse professor de sociologia, mas, ele era um professor! (Jair José dos Santos, 2021).

Em paralelo, as experiências formativas advêm, entre outras, da rede social, com destaque aos espaços de militância junto aos movimentos sociais.

A participação de movimentos sociais, políticos e sindicais, também tem se caracterizado como um elemento propulsor na escolha pela profissão. A aproximação com as

lutas presentes na sociedade brasileira e a consciência da educação como elemento transformador, a qual pode ser feita para além do espaço da escola, resgata essa inquietude com a realidade, contribuindo para o interesse pela profissão.

Eu fiquei matutando aquilo lá, até que depois na militância política conhecendo esses professores aqui em Barra Bonita, eles falaram: “Jair, você tem que ser professor, porque você tem essa capacidade, tem esse dom da fala”, como eles diziam, não sei nem se é assim. “E você tem que desenvolver essa sua capacidade, poder levar o aprendizado seu, inclusive do direito para sala de aula, faça isso e você vai se dar bem”. Então eu juntamente com a militância política, veio o início de uma nova faculdade que foi a faculdade de filosofia (Jair José dos Santos, 2021).

Nesse viés se destaca também a narrativa de Geraldo Moreira, natural da região nordeste e do estado da Bahia, filho de agricultores, atuando desde cedo com trabalho braçal do campo. Após a morte de seu pai mudou-se para São Paulo e viu na educação um caminho de oportunidades que lhe possibilitaria melhores condições de vida.

À noite como porteiro, durante o dia como faxineiro, não tinha carteira assinada. E à tarde, fui fazer curso de auxiliar de escritório. A minha ideia era que, com aquele curso, eu iria conseguir emprego. Uns quatro, cinco meses depois, arrumei. Eu lia muito jornal e ficava olhando os Classificados e vi uma oferta de emprego, em uma companhia de seguro, pra entregar apólices. Fui lá, fiz o teste, passei. Aí, tive a minha primeira carteira assinada. (Geraldo Moreira Prado, 2013)

Assim, pela aproximação com o âmbito educacional, amplia sua visão sobre o mundo e acontecimentos que o cerca, gerando o interesse pelas lutas sociais e por consequência, pela docência.

Comecei a fazer o Curso de Madureza Ginásial. Já tinha um grupo de amigos que discutia política. Terminei o ginásio. Aí, já era 1964. Me inscrevi no vestibular da USP. Tentei Medicina e fui reprovado. Mas, a USP abriu um programa de Estudos Orientais e tinha várias línguas. Comecei a fazer o curso de chinês. Nessa época já estava morando no CRUSP. Lá já fiz ambiente, envolvido em Política Estudantil, Campanha Operária, Sindical em São Paulo, batendo de frente com o grupo da Direita. Em 1967, fui mandado embora da fábrica. Tentei e passei pra História. Foi um ano bastante movimentado, participando de passeatas. Tive a primeira prisão, fui lá pro Dops, e isso está registrado como baderneiro na ficha. (Geraldo Moreira Prado, 2013)

A partir do inconformismo despertado em Geraldo surgiu a aproximação com os movimentos, o desejo de mudança da realidade, confrontado pelas diversas pautas de injustiças sociais, onde os movimentos sociais “transitam, fluem e acontecem em espaços não-consolidados das estruturas e organizações sociais. Na maioria das vezes eles estão

questionando estas estruturas e propondo novas formas de organização à sociedade política.” (Gohn, p.12 1997)

O assento da subjetividade é evidenciado no reconhecimento da luta dos movimentos para compreensão crítica da sociedade, fazendo despertar um sentimento de indignação e perseverança, esperançosa por uma nova realidade, dimensão fundante na atuação do professor, conforme defende Daniel Hameline (1986).

É impossível educar sem acreditar, ser ter esperança, isto é, sem nos indignarmos com o estado em que se encontra actualmente o bem mais precioso da humanidade, a sua infância, sujeita aos mais variados atentados, à estupidez, á incúria da espécie malfazente que é a nossa. (Hameline, 1986, p. 125-126 apud Novóia, 1989, p. 456)

Desse modo, a narratividade vem acompanhada de ato responsivo e de transgressão num movimento de vida e trabalho.

O último colaborador Euro Alves, professor indígena morador da região norte do país, evidencia sua principal motivação para os estudos, fazendo-o ser levado pela docência por inspiração de sua mãe, que também era professora.

O meu avô foi o primeiro pai que colocou os filhos na escola. O tempo da missão católica, que abriu a primeira escola na reserva indígena no Marau, aí a minha mãe estudou com os padres e teve uma escolaridade. E com isso, ela recebeu o primeiro trabalho de ser professora pela missão. Aí, a minha mãe seguiu o cargo de professora numa comunidade bem distante e essa foi a razão de ela ter me abandonado, me entregou para a minha avó, para o meu avô e ela teve que ir embora para trabalhar. (Euro Alves, 2018)

Euro Alves ainda destaca o incentivo de sua mãe aos estudos, como forma de alcançar autonomia e independência financeira.

Chegava na cidade, eu queria que a minha mãe comprasse as coisas para mim... flau. Eu chorava, aí a minha mãe sempre dizia: “Olha, meu filho, eu não tenho dinheiro”. Aí comprava uma: “Agora acabou. Agora você tem que estudar para ter o seu dinheiro um dia e comprar o que você quiser comer, vestir.”. A minha mãe sempre dizia, sabe? “Meu filho, você tem que estudar para poder um dia... Você conseguir trabalhar e ter o seu dinheiro para comprar as suas coisas”. Isso me inspirou muito, sabe? Eu acho que foi isso que a minha mãe criou dentro de mim, um incentivo, de pensar no estudo, pensar na vida. Eu acho que é isso. (Euro Alves, 2018)

A esperança de revolução e mudanças positivas através da educação marcaram a trajetória de Euro, de modo a questionar a forma como educação para as diferenças tem sido ofertada e os impactos causados a vida e a cultura desses coletivos.

A gente ouve muito por aí, não é? “Fulano abandonou a escola”. Abandono é uma coisa que... Abandono de escola até hoje se entende como se fosse do

próprio aluno, mas eu entendo que, nesse caso, não foi o aluno que abandonou a escola, foi a escola que abandonou... Os alunos foram abandonados pela escola. (Euro Alves, 2018)

Ainda, Euro destaca importância docente para a valorização e preservação da cultura, com ênfase a valorização da língua materna.

A gente entende... Nós professores entendemos que a língua materna... A gente faz até essas comparações. A língua materna numa cultura indígena, por exemplo, a língua se torna algo assim, digamos, uma viga que sustenta a cultura, porque através da língua é que são passados todos os valores; todos os conhecimentos tradicionais são passados de geração para geração através da linguagem. Então, uma vez que se perde a língua, perde essa transmissão dos valores, dos conhecimentos da cultura, e por isso é que a nossa preocupação está muito voltada para o fortalecimento da língua. (Euro Alves, 2018)

Euro ao expressar suas motivações e inspirações enfatiza o compromisso coletivo na inserção dos povos indígenas na docência para manutenção e valorização da identidade.

Porque essa minha história pessoal de vida, eu uso essa história na sala de aula que é justamente para estimular os alunos que é por aí o caminho, é luta constante, não é? A gente consegue, nós só podemos conseguir vencer na vida através da educação e se a gente está disposto a enfrentar todos os desafios. Aí, toda vez eu aproveito a oportunidade para contar um pouco da história. (Euro Alves, 2018)

As narrativas de memórias socializadas validam o lugar da função docente, dando eco ao processo aprendente e ensinante que alimenta a subjetividade do sujeito e a relação dialógica que o mesmo constrói entre si e o mundo.

6. BREVES CONSIDERAÇÕES

Os resultados enfatizam a pujança das narrativas de memórias para compreensão das motivações da docência e do surgimento de novos conhecimentos, revelando, na partilha de experiências, a evidência de grupos invisibilizados, bem como introduzindo novas bases do pensamento popular para a produção do conhecimento científico.

Compreendemos que as motivações pela escolha docente nas narrativas de memórias formativas, surgem a partir da visão dos colaboradores que insatisfeitos como o cenário da sociedade atual, veem na educação um mecanismo de transformação da realidade.

A educação constituída no viés descolonizador, associada a questões, identitárias, culturais e sociais reconfiguram o saber colonizador e levanta pautas, debates e lutas que passam a ser plural.

Outrossim, destacamos a partir das narrativas e considerações dos colaboradores, a cientificidade da profissão professor, os quais relacionam a profissão a um processo formativo humanístico e crítico, distanciando da concepção de professor por vocação. Assim, o processo aprendente e ensinante docente se revela nas narrativas de memórias formativas pelas motivações do saber/fazer impregnada na trajetória ideológica e experiencial do processo de constituição docente. Desse modo, não se nasce professor, torna-se professor, ação que exige o domínio do saber científico, constituído pela resistência e luta social com horizonte na superação de estereótipos para a constituição de novos elementos científicos.

Por fim, evidenciamos o assento as vozes femininas na continuidade do processo investigativo para acesso e nutrição das motivações pela profissão docente, servindo-nos de acesso a outras subjetividades e possibilidade de mobilização para o fazer e pensar a pesquisa e a constituição de novas epistemologias.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **História da Educação**, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, n. 14., set. 2003. p. 79-90.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa edições, ed. 70ª. 1977.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, 2002. p.20-28.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**: Coleção Primeiros Passos. 1981. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, N. 9.394, 1996.
- CUNHA, Maria Isabel da. Profissionalização docente: contradições e perspectivas. **Desmistificando a profissionalização do magistério**. Campinas, SP: Papirus, 1999 – Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico.
- FREIRE, Paulo. Considerações em torno do ato de estudar. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5a. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981. p. 09-12.
- FRISON, Lourdes Maria Bragagnolo; SIMÃO, Ana Margarida da Veiga. Abordagem (auto)biográfica – narrativas de formação e de autorregulação da aprendizagem reveladas em portfólios reflexivos. **Educação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, maio/ago. 2011. p. 198-206.
- GOHN, Maria Da Glória. **Teoria dos movimentos sociais paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.

GROSGOUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. Rio de Janeiro: **Revista Sociedade e Estado**, 2016. v. 31. p. 25-49.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19., 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: O desafio da pesquisa social. **Pesquisa Social teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: vozes, 21ª edição, 2002. p. 9-29.

MOUJÁN, Inés Fernández. Diálogos entre saberes e práticas pedagógicas descoloniais. Pedagogias de(s)coloniais saberes e fazeres. Goiânia: **Econuvem criações**, 2020. p.26-39.

NÓVOA, António. **Profissão Professor**: reflexões históricas e sociológicas. Análise Psicológica, 1989.

PASSEGGI, Maria Da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. **Revista Investigación Cualitativa**, 2017. p.6-26.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin; Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)Biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.27, n.01, p. 369-386, abr.2011.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

SILVA, Jaqueline Barbosa da; SANTOS, Samanta Gabriely Alves dos. Pesquisa (auto)biográfica e narrativas formativas: itinerários descolonizadores. **Revista Debates Insubmissos**, v. 5, n. 18, 2022. p. 115–143.

_____; SILVA, Augusto Vinícius Oliveira da. Uma única estrofe de um cordel inacabado. **Revista EDUCARE**, João Pessoa-PB, v. 6, Jan./Dez. 2022. p. 1-18. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/educare>

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Docência como atividade profissional. **Profissão Docente**: novos sentidos, novas perspectivas. Campinas, SP: Papirus, 2008.

AMANDA ANÁLIA NAYARA DE MACÊDO

**NARRATIVAS DOCENTES DE MEMÓRIAS FORMATIVAS EM REDE: uma década
da constituição dos processos aprendentes e ensinantes**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do curso de Licenciatura em Pedagogia do
Campus Agreste da Universidade Federal de Pernambuco –
UFPE, na modalidade de artigo científico, como requisito
parcial para a obtenção do grau de bacharel/licenciado em
Pedagogia.

Aprovado(a) em: 25 de março de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Jaqueline Barbosa da Silva
NFD/CAA – UFPE
(Orientadora)

Prof^a. Dr^a. Aline Renata Santos
NFD/CAA – UFPE
(Examinadora interna)

Prof. Dr. Marcelo Henrique Gonçalves de Miranda
NFD/CAA – UFPE
(Examinador interno)

Prof^a. Me. Samanta Gabriely Alves dos Santos
(Examinadora externa)